

Introdução

“Viver uma paixão é demais!”, “É coisa de louco”. Quem já não ouviu algo assim? Afirmam-se aí duas coisas: a paixão é desmedida, sempre transborda, e é também insensata, ignora razão e bom senso.

Aproximar a paixão do destempero ou equipará-la à desrazão são dois verdadeiros clichês. Este livro os endossa do início ao fim, pois é desse modo que ela se apresenta na experiência da psicanálise. Uma análise não se contrapõe ao sentimento, não visa disciplinar pelo saber aquilo que não tem remédio nem nunca terá – o que não significa que vá se resignar a ele. Ela joga o jogo da paixão, que inclui um tanto de ignorância irreduzível, até levá-la a um novo destino.

Não é fácil, ainda mais porque nossos dias insistem em trilhar o caminho oposto. Por um lado, tomam-se os afetos como variações de uma energia vital suposta cujas taxas poderiam ser mantidas em níveis controlados. É o que sustenta o mito de uma autoestima que nunca deve estar em baixa. Por outro, assume-se o sentimento como muito próximo àquele do ratinho de laboratório e, assim, acredita-se que basta estudar um para apreender o outro, deliberadamente ignorando-se o que há de estranheza na paixão.

É bem verdade que Freud abordou o afeto com base em seu conceito de libido, definida mais de uma vez como energia, assim como fez uso de várias analogias com o primitivo ou o ancestral em nós. No entanto, a teoria freudiana do afeto, assim como, de modo geral, a sua metapsicologia, é uma construção provisória, instrumental, a serviço de uma prática. A leitura da clínica psicanalítica empreendida, ao longo de três décadas, por Jacques Lacan, destaca o quanto a novidade freudiana se vincula justamente ao fato de que, em uma análise, a paixão se mantém como lugar de uma insensatez que hoje tudo trabalha para esvaziar.

Para delimitar essa novidade, Lacan aproximou dois campos aparentemente opostos: ética e paixão. Foi o seu modo de nos fazer entender como uma análise se dirige a isso que não cabe. A articulação entre ética e paixão nos servirá, aqui, de guia para abordar o afeto como maneira de lidar com esse excesso. Ela não é a mesma de todo dia, nem por isso é menos real.

É estranha a aproximação entre ética e afeto, pois costumamos dar plenos direitos à emoção subindo à cabeça. “É mais forte que eu”, ouço-me dizer ao enveredar por estranhos caminhos e infringir minhas próprias regras de conduta. Tudo faz crer que os códigos de moral recobriam somente compromissos racionalmente assumidos e que o inconsciente não apenas desconheceria tempo e lógica, como também ética.

Seguiremos a trilha de sentimentos específicos assinados por Lacan para mostrar como, em uma análise, me

separo da ideia de que devo equilibrar minhas energias, ou, ainda, de que só é possível ir até onde vai a liberdade de meu parceiro. Afasto-me do caminho do meio, da justa medida e da sabedoria que pautam minhas ações na cidade, e permito-me avançar onde a violência e a paixão ditam as regras.

O que fiz com o que fizeram os outros de mim será o fio condutor do percurso analítico, que extrai dessa verdadeira epopeia suas coordenadas essenciais. Nesse caminho, valores morais decalcados da família e da comunidade se eclipsam; restarão somente os reapropriados a partir da reescrita singular de uma história. Essa reescrita não é um conhecimento, apenas um novo roteiro. Ele inclui, porém, as marcas de nossa singularidade, sempre incômodas.

Fazê-las caber na vida que se leva é a exigência que preside o dispositivo analítico. Nenhuma sabedoria delas se depreende, mas inaugura-se, ali, a possibilidade de uma responsabilidade nova, pois nossa vida será sempre habitada por um excesso que não deixará jamais de surpreender, de provocar risos e escândalo e de exigir que a cada esquina estejamos à altura do que nos apaixona.

Da emoção à paixão

Temor e piedade

No imenso e movediço reino dos sentimentos, nosso ponto de partida será o temor e a piedade. Eles têm a vantagem de uma delimitação precisa, cunhada por Aristóteles para